



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

A PRÁTICA PEDAGÓGICA O PROFESSOR DE GEOGRAFIA: O FAZER DO BOM PROFESSOR

Macsuelle Silva Santos*****
(UESB)

Andrecksa Viana Oliveira Sampaio**
(UESB)

RESUMO

Atualmente, em meio a diversos desafios no trabalho docente, tornam-se indispensáveis novas metodologias que permitam a inclusão do aluno no processo de construção do saber. Para isso, os recursos didáticos auxiliam no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, e são de caráter instrumental. O emprego destes recursos no ensino de Geografia contribui para um aprendizado mais atraente e dinâmico, principalmente para alunos que não têm muito entusiasmo para assistirem às aulas de Geografia. Dessa forma, este artigo tem como objetivo apresentar alguns resultados de práticas realizadas no ensino de Geografia que de forma geral foram bem aceitas pelos alunos e os resultados foram classificados como satisfatórios pelos professores, contudo, é importante o professor conhecer as suas turmas para descobrir o que funciona melhor e adequar a realidade de cada uma.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Geografia, Prática pedagógica. Recursos didáticos.

*****Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Membro do Grupo de Pesquisa Análise Ambiental, Planejamento e Gestão Territorial – APLAGET, FAPESB, macsuelle@ymail.com.

**Doutora em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Membro do Grupo de Pesquisa Espaço, Memória e Representações Sociais, CNPq, Orientadora da pesquisa em andamento intitulada: Formação docente: a postura pedagógica do professor de Geografia nas turmas de ensino Médio do Colégio Estadual de Condeúba - BA, viladea@yahoo.com.br



INTRODUÇÃO

A prática pedagógica pode ser considerada como o ato de repassar ou transmitir o conhecimento. Dessa forma, a prática do professor deve auxiliar o aluno a ultrapassar as dificuldades na construção do saber. Existe uma grande necessidade por parte dos professores em se buscar práticas que contribuam com a construção do conhecimento pelos alunos. Machado afirma:

A formação da prática se processa a partir da vontade de participar e cooperar com o outro. O outro imediato na formação de professores é o colega da turma. A vontade em participar está vinculada à vontade de aprender, mesmo para vir a ser, porque se deve saber que prática pedagógica não se ensina, mas se aprende. Ela é formada de intenções de fazer educação e se constitui, antes de tudo, de um querer ser. Este querer ser é legitimado por um *querer saber para fazer bem*. (MACHADO, 2005 p. 129 grifo do autor).

Behrens (1999) defende que os professores que atuam na educação, em sua maioria, tendem a reproduzir as metodologias que vivenciaram durante o seu processo educativo. Tozetto (2009) apresenta que a prática pedagógica é tudo que é praticado em relação ao ensino para o beneficiamento do aluno no seu processo de aprendizagem, ou seja, a prática pedagógica está relacionada a maneira como o professor conduzirá suas aulas, desde a elaboração de um planejamento à realização de suas aulas. Porém, a depender da prática, o ensino poderá melhorar ou piorar.

Conforme Pietrobon (2006), as pesquisas contemporâneas apontam para os educadores a necessidade de buscar práticas que oportunizem a construção do conhecimento pelos alunos. E para tal, faz-se necessário, a mudança de postura frente ao trabalho em sala de aula, o qual precisa ser reelaborado, visto que uma prática fragmentada não atende mais às necessidades da sociedade contemporânea, devido o desenvolvimento do conhecimento específico.

A prática do ensino fragmentado apresenta-se no isolamento das disciplinas na escola, e tem sido prejudicial para a educação. Até mesmo no contexto de uma



determinada disciplina, o conhecimento é separado em diversos conteúdos relativamente isolados, que são apresentados de forma desvinculada e desconexa. A elevada fragmentação do conhecimento acabou levando o homem a perder a visão do conjunto, da unidade, do completo. Assim, as áreas de conhecimento fecharam-se nas suas fronteiras e tornaram-se intercomunicáveis, tornando o processo de ensino, dissociado do todo. Dessa forma, intensifica o discurso da necessidade de se romper com a educação fragmentada.

PRÁTICA PEDAGÓGICA: O FAZER DIFERENTE

Refletindo sobre práticas docentes no ensino de Geografia, compreende-se que muitos são os desafios enfrentados pelos professores em sala de aula por não conseguirem alcançar os objetivos esperados quando preparam as aulas. Contudo, para facilitar a transferência do discurso teórico pedagógico para a prática, alguns exercícios devem ser praticados, como: adaptar o plano de trabalho para a turma levando em consideração suas vivências, contextualizar ao máximo o conteúdo com assuntos do cotidiano do aluno, realizar o trabalho interdisciplinar para ampliar o conhecimento do aluno, dentre outros.

Ainda é pertinente destacar em termos de dificuldades enfrentadas na docência, a revolução tecnológica que deu outra característica ao ensino e aprendizagem. Assim, surgiram facilidades e também desafios aliados a essas inovações tecnológicas (PAVÃO, GOMES, 2015). Cabe ao professor, ser criativo e inovador em busca de novos conhecimentos.

Dessa forma, o professor necessita ir além do livro didático, do quadro ou da explanação oral, quando existem jornais, revistas, computadores, música, filmes e outros, os quais podem originar palestras, dramatizações e seminários que o façam refletir sobre os conhecimentos geográficos, relacionando a teoria com a prática diária dos alunos (SANTOS, CALLAI, 2009).



Logo, as práticas pedagógicas devem ser substituídas com muitas experiências, trabalho de campo, utilização de recursos tecnológicos de informação e comunicação, recriando ambientes, criando espaços de novidades e curiosidades. Acredita-se, que trabalhar com novas práticas pedagógicas de ensino despertem o interesse dos alunos pela Ciência Geográfica.

AULAS LÚDICAS

Freitas &Salvi (2007) avaliam que as atividades lúdicas no processo de ensino e aprendizagem favorecem a obtenção do conhecimento, podendo ser utilizada como estratégia de estímulo na construção do conhecimento, além de contribuir para o desenvolvimento de habilidades. Dessa forma, Freitas &Salvi (2007) referem-se a ludicidade como os “jogos pedagógicos; brincadeiras; dinâmicas de grupo; recorte e colagem; dramatizações; exercícios físicos; cantigas de roda; atividades rítmicas e atividades nos computadores” (FREITAS & SALVI, 2007, p. 5)

A partir da necessidade em se discutir o tema “urbanização”, Krupiniskiet al (2013) realizou uma experiência de cordel com alunos do 7º ano de um Colégio Estadual no Paraná. A atividade foi realizada por monitores bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), campus de Marechal Cândido Rondon.

A ideia de desenvolver essa atividade partiu da dificuldade dos alunos em entender o tema urbanização, suas principais características e seus problemas socioambientais, assim, com o objetivo de facilitar a compreensão do conteúdo para os alunos, a literatura de cordel foi apresentada como um incentivo e auxílio na interpretação do tema (KRUPINISKI et al, 2013).

A atividade foi realizada em cinco etapas. Na primeira etapa foram apresentados slides aos alunos, nos quais estava exposto o que é a Literatura de Cordel, além de imagens que retratavam a urbanização e os seus principais problemas. Krupiniskiet al



(2013) ressalta que as imagens foram exposta as alunos para estes se lembrarem do conceito de urbanização trabalhados em sala de aula e dessa forma, contribuir para a formação de novas ideias na confecção da Literatura de Cordel.

Krupiniskiet al (2013) expõe:

Os conceitos apresentados com imagens foram cidade, município, metrópole, região metropolitana, megalópole, megacidades, conurbação, cortiço, ilha de calor, êxodo rural, favelas, violência urbana, deslizamentos, poluição do ar, lixo desemprego, enchentes e áreas de ocupação irregular (KRUPINISKI et al, 2013, p. 3)

A turma foi dividida em dupla e cada uma recebeu dois conceitos sobre urbanização, após os alunos tinham que decidir quem faria o desenho do seu conceito e quem desenvolveria a colagem com imagens de revista (KRUPINISKI et al, 2013).

Na segunda etapa, os alunos com os seus conceitos definidos, desenvolveram as rimas, o desenho e o recorte de revista para a construção da Literatura de Cordel. Na terceira etapa, com as rimas finalizadas, os alunos concluíram desenhos e os recortes para representarem o seu conceito. Na quarta etapa, com o auxílio dos bolsistas, os alunos realizaram a montagem do cordel. Na quinta etapa, foi realizada a finalização do cordel e cada dupla realizou uma pequena apresentação referente à sua rima e o desenho ou recorte.

Krupiniskiet al (2013) exhibe que os resultados não foram satisfatórios como esperado pelos bolsistas, por não conseguirem uma participação total dos alunos. Nessa atividade foi diagnosticada uma grande dificuldade dos alunos em escrever as rimas, principalmente em relacionar com o conceito de urbanização. Além disso, foi observada uma desmotivação nos alunos, que segundo Krupiniskiet al (2013) os alunos não acreditam em sua capacidade de fazer um trabalho diferente e criativo nas aulas de Geografia.

Assim, é importante levar em consideração a heterogeneidade da turma, cada aluno possui o seu gosto, a sua cultura, o seu estilo e o seu ritmo de aprendizagem.



Contudo, o importante é o professor conhecer as suas turmas, descobrindo o que funciona melhor e adequar a realidade de cada uma.

Pensando em uma melhor assimilação do conteúdo pelos alunos, Neves & Rubira (2011), desenvolvem o projeto “História em quadrinhos no ensino de Geografia” com alunos da 5ª série de um Colégio Estadual, localizado em Maringá/PR.

O objetivo da atividade foi além de trabalhar o conteúdo, identificar a importância e contribuição da história em quadrinhos nas aulas de Geografia. O projeto foi desenvolvido durante o estágio de regência obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Geografia (NEVES & RUBIRA, 2011).

Para o desenvolvimento do trabalho, foi realizado um estudo sobre o ensino com história em quadrinhos e analisado experiências passadas no ensino da Geografia, também foi realizado um planejamento do conteúdo que seria trabalhado em sala de aula. Após essa etapa, foi elaborado uma história em quadrinhos apresentando uma síntese de todo o conteúdo trabalhado na sala, para que os alunos entendessem melhor as aulas dadas e também a atividade que posteriormente seria proposta a eles (NEVES & RUBIRA, 2011).

Ao longo do projeto, foram trabalhados temas relacionados ao campo. A agricultura foi o tema inicial.

Foi trabalhada a agricultura moderna que utilizam adubos orgânicos, sementes selecionadas, tratores, agrotóxicos para controlar os diversos tipos de pragas obtendo também sistemas de irrigação, essencial em lugares mais secos, tendo assim uma produtividade maior. A agricultura comercial que cultivam alimentos como soja, cana algodão e laranja para exportar ou produzir matérias primas industriais, onde tudo que é produzido terá uma posterior comercialização. Já a tradicional é aquela em que o agricultor não dispõe de muito capital para investir em sementes selecionadas, correção dos solos e equipamentos, tendo uma produção menor, é praticada predominantemente em pequenas propriedades; e a de subsistência que é quando o produtor consome o que plantou (NEVES & RUBIRA, 2011, p. 5).



Posteriormente foram debatidos assuntos sobre a pecuária com a intenção de diferenciar a pecuária extensiva e intensiva. Outro tema destacado foi a importância que o clima exerce nessas atividades, destacando a influência do clima na produção agrícola, dentre outros temas como, a questão agrária e o êxodo rural e suas consequências (NEVES & RUBIRA, 2011).

Em seguida foi proposto aos alunos, que em dupla construíssem uma história em quadrinhos representando os principais fatos dos trabalhadores do campo.

Conforme Neves & Rubira (2011), os resultados obtidos foram satisfatórios e a maioria dos alunos participou da atividade e conseguiu assimilar o assunto, demonstrando maior interesse no conteúdo após a dinâmica da história em quadrinhos.

Mesmo diante de especificidades em sala de aula, o lúdico contribui para melhoria na educação e desenvolvimento das aulas, estimulando uma aprendizagem significativa que ocorre de forma gradativa e natural, tornando-se aliado dos professores para a obtenção de bons resultados.

JOGOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Entende-se que a busca por novas linguagens e metodologias voltadas para o ensino de Geografia, pode incluir várias possibilidades, uma delas, são os jogos. Verri (2009) e Endlich (2009) ressaltam que os jogos adaptados para o ensino de Geografia proporcionam um estímulo para melhor compreensão do conteúdo proporcionando ainda, o desenvolvimento intelectual do aluno. Destacam ainda, a importância dos jogos em aproximar o conteúdo aos alunos motivando-os a estudar de forma mais atrativa e a desenvolverem novas habilidades.

Verri (2009) e Endlich (2009) com o objetivo de não deixar apenas uma reflexão teórica, puseram em prática o que discutiam na teoria. E para a realização dessa parte do trabalho, foram em busca de uma escola pública em Maringá que concordou com a experiência. A turma escolhida foi o sexto ano, e apresentava por consequência, a fase de



transição entre a infância e a adolescência. A turma era composta por 30 alunos, 17 do sexo masculino e 13 do sexo feminino. A turma foi classificada como sendo bastante heterogênea agitada e apresentava dificuldade na aprendizagem, de uma forma geral, foram classificados como desatentos e desinteressados.

Para 63% dos alunos (VERRI e ENDLICH, 2009), os jogos inseridos como um recurso metodológico seria novidade. Foram selecionados três jogos para serem trabalhados com os alunos: o Quiz, o jogo da memória e jogo de tabuleiro.

O Quiz é um jogo de perguntas e respostas e é uma forma de avaliar uma grande quantidade de pessoas com questionamentos. Dessa forma, foram elaboradas várias questões sobre o conteúdo do bimestre. O Quiz possuía questões que apresentavam respostas do tipo “certo ou errado” valendo 10 pontos e perguntas com respostas abertas com o valor de 20 pontos. A turma foi dividida em dois grandes grupos e o aluno tinha o direito de escolher entre o envelope com as perguntas de 10 ou 20 pontos. O grupo campeão teve como prêmio o direito de escolher uma questão da avaliação escrita do bimestre para não responder.

O jogo da memória e o de tabuleiro assumiram o caráter de revisão do conteúdo e foram sugeridos pelos próprios alunos. A turma foi dividida em equipes menores, formadas a partir das afinidades. Cada equipe ficou com um jogo. No final da atividade percebeu-se que os jogos que envolveram menor quantidade de alunos, como os de tabuleiro foram mais fáceis de administrar e fazer com que o aluno se interessasse e se envolvesse, ajudando e auxiliando na compreensão e entendimento do conteúdo (VERRI e ENDLICH, 2009).

Os jogos proporcionaram uma mudança de comportamento e nas atitudes dos alunos envolvidos. Verri e Endlich (2009) enfatizaram que o jogo mostrou ser uma alternativa viável para melhorar a interação do aluno com o conteúdo estudado e uma ferramenta motivacional.

As experiências citadas deixam claro que a aplicação dos jogos em sala de aula surge como uma oportunidade de socializar os alunos, e que além de ensinar,



desenvolve o raciocínio e a criatividade estimulando a responsabilidade diante da situação colocada a ele. Dessa forma, os jogos promovem um senso crítico, investigador, que ajuda na compreensão e entendimento de determinados tópicos relacionados ao conteúdo estudado.

TECNOLOGIAS NA SALA DE AULA

Callai (2009) argumenta que, sem dúvidas, a escola deve associar as tecnologias de informação e comunicação no cotidiano escolar, pois estas contribuem na busca de dados e ajudam na complementação e atualização dos conhecimentos presentes nos conteúdos escolares, além de tornarem as aulas muito mais dinâmicas e interessantes, pois, ainda é comum alguns alunos declararem que não gostam da Geografia. Diante disso, o questionamento a seguir foi levantado, “será que não gostam da Geografia em si, ou do modo como essas aulas são ministradas?” (CALLAI, 2009, p. 6). Desse modo, o uso da prática pedagógica associado às tecnologias possibilita uma nova didática para o processo de ensino e aprendizagem (CALLAI, 2009).

Macêdo et al (2012) com o objetivo de tornar a aula de Geografia mais atraente para o aluno, inserindo-o no processo de ensino e aprendizagem. Diante de tantos recursos e possibilidades opta-se pela utilização do *Google Earth* no auxílio para a aprendizagem da cartografia e o *Google* Imagens para uma melhor compreensão dos conteúdos abordados em sala de aula.

A atividade foi realizada em um Colégio Estadual no município de Caicó/RN no ano de 2012. A atividade foi realizada por alunos do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em turmas do ensino médio.

O objetivo da atividade proposta por Macêdo et al (2012) foi promover o uso das ferramentas como recurso didático e estimular o senso crítico dos alunos. A metodologia iniciou-se através da análise do uso do *Google Earth* e se deu através da pesquisa



participante, “essa modalidade de pesquisa permite que pesquisadores e público pesquisado tornem-se parceiros na construção de uma dada decisão” (MACÊDO et al, 2012, p. 4-5).

O *Google Earth* permite trabalhar vários conteúdos de formas diversificadas, podendo comparar imagens ao redor de um município com outras regiões do próprio estado, país e planeta, podendo também ser utilizado na localização de bairros, ruas, avenidas, permitindo que os alunos aprendam de forma clara e dinâmica a questão da localização e escala de mapas. Assim, com o auxílio do *Google Earth*, foi desenvolvido um trabalho de ampliação da representação do bairro onde se localiza a escola em questão.

Além disso, algumas fotos foram tiradas pelos alunos da escola e foram utilizadas na confecção do mapa. Para a produção, foram necessários, os conteúdos de cartografia e escala, o mapa base da escola, cartolinas, réguas e lápis (MACÊDO et al, 2012).

Com a utilização do *Google Earth* promoveu-se a capacitação sobre o seu uso, assim como, a utilização de imagens cotidianas possibilitando os estudantes reconhecerem e localizar o espaço em que estão inseridos. As imagens produzidas foram utilizadas para a confecção de um mapa e sua publicação virtual. Através do *Google Earth*, um mapa foi ampliado manualmente pelos alunos, onde representava a área correspondente à escola (MACÊDO et al, 2012).

Através do referido programa, foi possível mostrar em tempo real visualizações de bússola, indicações de latitude e longitude, atmosfera, sol, imagens históricas, limites geográficos, dentre outros elementos importantes para a compreensão da cartografia. Dessa forma, Macêdo et al (2012), destacaram que a iniciativa foi muito importante, possibilitando aos alunos a produção de conteúdos geográficos, possibilitando maior êxito na aprendizagem, além de ter contribuído para o interesse e motivação dos alunos.

A tecnologia tornou-se um importante instrumento mediador do processo de ensino e aprendizagem, não só na educação escolar, como também na sociedade como um todo. Com o uso das tecnologias, desenvolve-se motivação nas leituras de imagens e de outras manifestações visuais. Conforma Silva & Alves (2012), as atividades



audiovisuais contribuem para uma melhor assimilação e compreensão dos conteúdos pelos alunos do que caso estivessem apenas ouvindo as teorias.

Coltoet al (2013) baseado nas intervenções realizadas pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio no município de Guarabira – PB apresentam a importância o uso de filmes como instrumento metodológico para o enriquecimento do ensino e aprendizagem nas aulas de Geografia.

O objetivo da atividade proposta por Colto et al (2013) foi analisar o filme “2012”, para mostrar os impactos provocados pelos abalos sísmicos. O objetivo específico da atividade foi despertar o interesse dos alunos a partir do uso dos recursos audiovisuais e ressaltar a importância das tecnologias no ensino da Geografia.

A ideia de passar o filme foi de dinamizar a aula e ir além da teoria e sim mostrar de uma forma real as causas e consequências provocadas por abalos, como exemplo tsunamis, contribuindo assim, para uma aprendizagem significativa (COLTO et al, 2013).

A atividade foi desenvolvida com uma classe do noturno do 2º ano do ensino médio. A turma era composta por 25 alunos. A metodologia utilizada para o desenvolvimento das aulas ocorreu em três momentos. O primeiro momento foi realizado uma aula expositiva, com o uso de slides em que foi exposta a teoria sobre o tema e imagens representando os fatos provocados pelos abalos sísmicos. O segundo momento ocorreu através da exibição do filme “2012”, em três aulas de 45 minutos cada. O filme foi passado na sala de vídeo da escola e para a realização foi necessário utilização de datashow, notebook e caixa de som. No terceiro momento foi realizados debates e construção de textos que foram expostos em forma de cartazes, os mesmo serviram de avaliação do aprendizado dos alunos (COLTO et al, 2013).

Colto et al (2013) ressaltam que o conteúdo abordado por meio de slides e filme reforçou o aprendizado dos alunos possibilitando os mesmos a se expressarem de forma coerente sobre o que estava se tratando as aulas anteriores. Diante das experiências



apresentadas, percebe-se que a utilização das novas tecnologias possibilitam aos alunos diferentes formas de se aprender determinados assuntos.

AULA DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Segundo Falcão (2009), a aula de campo é uma alternativa metodológica para o ensino de Geografia, podendo contribuir com aulas mais atraentes, interessantes e estimulantes para os alunos.

A atividade de campo é uma forma significativa de associar os conteúdos apresentados pelos docentes com a realidade vivida pelos alunos, expandindo as fontes de conhecimentos que os levam à reflexão e à tomada de consciência sobre a organização do seu espaço geográfico. (SOUZA & CHIAPETTI, 2012).

Pedro (2011) ressalta que se o professor for estimulado a praticar aulas que envolvam o trabalho de campo e receber o apoio da equipe escolar e dos pais, a atividade escolar se tornará mais atrativa e rica em relação a aprendizagem.

Assim, Pedro (2011) apresenta o trabalho de campo proposto aos alunos do sexto e sétimo ano do ensino fundamental. A atividade foi dividida em dois momentos. O primeiro foi realizado uma visita ao Museu de Rochas e Minerais da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) de Rio Claro e o segundo foi realizado uma visita ao Parque do Varvito em Itu.

Para que os alunos aproveitassem ao máximo, foi preparado em slide o roteiro e as aulas que abordaram o tema “Rochas e Minerais” e “Formação da rocha sedimentar: o Varvito”. O objetivo da atividade foi demonstrar o que é uma rocha, um mineral e a formação da rocha sedimentar conhecida como Varvito (PEDRO, 2011).

Conforme Pedro (2011), os alunos ficaram curiosos e prestaram atenção nas aulas. A primeira parada da atividade em campo foi no museu de Rochas e Minerais. Os alunos conheceram o acervo que estava dividido em grandes bancadas envolvendo o grupo de rochas ígneas, sedimentares e metamórficas.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

Durante a atividade de campo os monitores da UNESP foram orientando os alunos na identificação das rochas e a utilização de cada uma. Os alunos anotaram as informações coletadas em campo e elaboraram um relatório que foi apresentado e entregue ao professor. As informações apresentadas pelos alunos contemplaram desde a formação, o tipo e a utilização das rochas (PEDRO, 2011).

A segunda visita ocorreu no Parque do Varvito no período da tarde, monitorada por uma equipe que apresentou o parque e explicou toda dinâmica de visita. Os alunos observaram e acompanharam a explicação do professor e dos monitores e coletaram informações da formação e utilização do Varvito para a sociedade

Pedro (2011) compara a aprendizagem dos alunos que tiveram a experiência prática com alunos de turmas anteriores que tiveram apenas aulas teóricas e ressalta que os alunos que foram a campo tiveram uma melhor assimilação, interesse, compreensão e desenvolvimento crítico.

As experiências supracitadas evidenciam a importância da inovação no ensino da Geografia, pois as novas formas de ensinar proporcionam um maior desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem, além de favorecer a participação dos alunos na sala de aula, motivando-os à busca do conhecimento geográfico.

Como foi apresentado, existem várias possibilidades para serem exploradas e enriquecer as aulas. Cabe ao professor o desafio de explorar novas possibilidades com a finalidade de possibilitar uma aproximação do conhecimento geográfico com a vivência do aluno, contribuindo para a construção de uma aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

BEHRENS, M. A. A prática pedagógica e o desafio do paradigma emergente. In: **Estudos. R. bras. Est. Pedag.** Brasília, v. 80, n. 196, p. 383-403, 1999



- CALLAI, H. C. SANTOS, M. F. P. Tecnologias de informação no ensino da Geografia. In: **Anais do 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia**. Porto Alegre, 2009.
- COLTO, M. E. M. P. et al. **O uso de filme como recurso didático nas aulas de Geografia**. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. Guarabira – PB, 2013.
- FALCÃO, W. S. PEREIRA, T. B. A aula de campo na formação crítico/cidadã do aluno: Uma alternativa para o ensino de Geografia. In: **Anais do 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia**. Porto Alegre, 2009.
- FREITAS, E. S. SALVI, Rosana Figueiredo. **A ludicidade e a aprendizagem significativa voltada para o ensino de Geografia**. Londrina, Universidade Estadual de Londrina, 2007.
- KRUPINISKI, R. (et al). **O cordel no ensino de Geografia Urbana**. In: **VIII Semana Acadêmica e VIII Expedição geográfica: Ensino, práticas e formação em Geografia**. 2013.
- MACÊDO, E. de A. (et al). **O uso das ferramentas Google Earth e Google Imagens como suporte no ensino de Geografia na Escola Estadual Professora Calpúrnica Caldas de Amorim, CAICÓ/RN**. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID) na Escola Estadual Professora Calpúrnica Caldas de Amorim (EECAM), Caicó/RN, 2012.
- MACHADO, Virginia. Definições de prática pedagógica e a didática sistêmica: Considerações em espiral. In: **Revista didática sistêmica, volume 1**. 1 trimestre, Rio Grande, 2005.
- NEVES, Pedro Dias Mangolini. RUBIRA, Felipe Gomes. História em quadrinhos no ensino da Geografia. In: **II Encontro Estadual de Geografia e Ensino e XX Semana de Geografia**. Maringá, 2011.
- PAVÃO, Silvia M. O. GOMES, Caio Cesar. **Desafios do professor: Abordagem dos aspectos relacionais da prática pedagógica**. UFSM, Santa Maria – RG, 2015.
- PEDRO, Leda Correia. **A Geografia “física” no ensino fundamental: Um relato sobre a importância dos conteúdos e das atividades práticas na formação do aluno**. Departamento de Geografia da FCT/UNESP, Presidente Prudente, n. 1, v. 1, 2011.
- PIETROBON, Sandra Regina Gardacho. A prática pedagógica e a construção do conhecimento científico. In: **Práxis educativa**. Ponta Grossa, PR, v. 1, n. 2, p. 77 – 86, 2006.
- SANTOS, M. F. P; CALLAI, H. C. Tecnologias de informação no ensino da Geografia. In: **ENPEG, 10º Encontro Nacional da Prática de ensino em Geografia**. Porto Alegre, 2009.
- SILVA, J. C. B.; ALVES, M. da P C. **A influência das tecnologias audiovisuais no processo de ensino-aprendizagem em sala de aula**. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.
- SOUZA, S. O; CHIAPETTI, R. J. N. O trabalho de campo como estratégia no ensino em Geografia. In: **Revista de ensino de Geografia**. Uberlândia, v.3, n. 4, p. 3-22, 2012.



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

TOZETTO, S. S. GOMES, T. de S. A prática pedagógica na formação docente. In: **Revista do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado**. V.17, n.2, p. 181 a 196. Universidade de Santa Cruz do Sul, 2009.

VERRI, J. B.; ENDLICH, Â. M. A utilização de jogos aplicados no ensino de Geografia. In: **Revista Percorso - NEMO**. Maringá, v. 1, p. 65-83, 2009.